

DITADURA CIVIL/MILITAR EM SANTO ANTÔNIO DE JESUS: “UMA CIDADE SEM PASSADO” (1964-1968)?

Cristiane Lopes da Mota¹

RESUMO:

Este trabalho investiga os desdobramentos do golpe de 1964 e do regime civil/militar em Santo Antônio de Jesus, entre os anos de 1964 - 1968, a partir de fontes escritas e orais que assinalam efeitos daquela conjuntura na vida política e social do município. O enfoque destaca o contexto político da cidade no momento do golpe e suas reverberações. Busca entender o posicionamento de grupos políticos e da sociedade civil urbana local em relação a esse período. Desse modo, almeja-se compreender acontecimentos ocorridos em Santo Antônio de Jesus numa tentativa de superar os silêncios que pairam sobre as ligações da política local com regime estabelecido em 1964. As principais fontes para este trabalho são, a saber: Atas da Câmara e documentos do Arquivo Municipal de SAJ, periódicos, livros de memória e depoimentos orais.

PALAVRAS CHAVE: adesão - regime civil/militar - Santo Antônio de Jesus

INTRODUÇÃO:

... A cidade que encontrei em junho de 1965 era ainda acanhada, embora fosse, já àquela época, uma das melhores da região. Ainda não tinha água encanada e o fornecimento de luz elétrica era feito precariamente. Toda via algo nos dizia que seu futuro seria promissor, como realmente o foi e continua sendo².

Na década de 60 do século XX, houve uma grande mudança nos costumes de Santo Antônio de Jesus, motivada por uma série de acontecimentos auspiciosos e a chegada de uma geração de jovens formados, gente de visão voltada unicamente para o desenvolvimento, desvinculada de velhos e tradicionais laços do passado³.

Os dois trechos retirados de livros de memória assinalam momentos de mudanças em Santo Antônio de Jesus, sobretudo, no que tange aos ideais desenvolvimentistas conservadores. No segundo texto Hélio Valadão denomina como “acontecimentos auspiciosos”, o que nos sugere pensar na implantação do regime como favorecimento desses eventos de transformações. Vejamos também o registro de uma ata da Câmara Municipal de Santo Antônio de Jesus em 1964.

Franqueando a palavra, fez uso o senhor vereador Ademário Francisco dos Santos, apresentando a seguinte moção: ao Exmo. Senhor General Comandante da 6ª região Militar, Governador do Estado e Presidente da Assembleia Legislativa - Bahia; Na oportunidade da instalação do período legislativo de 1964, a câmara de vereadores deste município de Santo Antônio de Jesus, Estado da Bahia, Interpretando o sentimento do Senhor Prefeito e de todo o povo deste município, congratula-se com Vossas Excelências pela patriótica solução dada ao problema Nacional, que nos garantirá um período de Paz, Ordem e Prosperidade. Sala das Sessões 07 de abril de 1964 ⁴.

A partir da leitura das atas da Câmara Municipal de Santo Antônio de Jesus constatamos que os vereadores faziam parte do que em ata era denominado por Partido Republicano (minoridade) e Aliança Democrática Santantoniense (maioridade). Ambos os grupos, comungavam dos ideais propostos pelo regime civil/militar no país, ao menos para atender seus interesses políticos e particulares. O poder Executivo da cidade nos primeiros anos do regime foi exercido pelo fazendeiro José Trindade Lobo (07/04/1963 – 07/04/1967), eleito pela UDN, derrotando o cirurgião dentista Antônio Veiga Argolo, candidato pelo PR.

Percebemos também que como muitos apoiadores, os vereadores receberam a notícia do golpe como a solução para os problemas brasileiros, ao analisarmos, que após 08 dias do golpe, o desejo de alguns vereadores de ordem, paz e prosperidade já estava afinado com os anseios do novo regime. Seguindo a ordem das congratulações ao regime civil/militar, alguns vereadores enfatizaram: “vitorioso o movimento militar que afastou do poder o governo cuja associação com o credo comunista, comprometia seriamente a estabilidade da democracia no Brasil.” ⁵ O ideal dos militares de disseminar sua ideologia de “remédio” para os “males” do país dentro de um pensamento progressista de fortalecimento da economia, mesmo que esse progresso econômico conservador fosse fruto do fechamento político e depreciação da liberdade de expressão, teve apoio imediato da maioria dos representantes políticos de Santo Antônio de Jesus. Vejamos o depoimento do senhor José Pereira Reis, vereador em 1964 pela Aliança Democrática Santantoniense:

O que existiu naquela época e que tendo havido a revolução onde o primeiro estado a declarar guerra foi Minas Gerais⁶. Nessa época todos no Brasil vivemos pavorosos inclusive esperando uma guerra civil, mas não ocorreu, todo mundo aceitou aquilo que vinha de Minas. Tanto que Santo Antônio de Jesus foi o primeiro município do Brasil a ir à região apresentar solidariedade, e foi por meu intermédio que eu era vereador naquela época, tanto que em função disso todas as vezes que vinham as comissões para cá fazer reuniões para mostrar para o povo que o governo daquela época, o governo federal não

desejava acabar com a vida de ninguém e sim dar outra vida ao Brasil. Eu era convidado para fazer parte dessas comissões, cujas reuniões sempre ocorriam no colégio das freiras⁷ e sempre fazia palestras orientando todo mundo. Um regime inicialmente bom, muito bom, mas depois como tudo no Brasil prevaricou o que passou a desacreditar inclusive da Revolução⁸.

De acordo com José Reis, a intervenção dos militares no país inicialmente provocou um clima de medo e insegurança, porém, muitos conceberam a nova ordem como um modelo para restabelecer a economia e torná-la a solução para o país, como também para Santo Antônio de Jesus. O formato da política neste momento favoreceu o crescimento econômico dos indivíduos ligados a atividades comerciais, principalmente os donos de empresas da cidade.

A notoriedade conferida a Santo Antônio Jesus é corriqueira nas fontes pesquisadas. São palavras de alguns vereadores no transcorrer do período, “que o município Santantoniense estava no “caminho certo”, que a harmonia entre o poder municipal, estadual e federal contribuía para o avanço e consolidação desta cidade”. O vereador Albertino Lira fala do prazer que sente ao ver as obras que estão sendo realizadas, principalmente na Praça Padre Mateus e nas rodovias municipais⁹. Na mesma sessão o vereador Misael Maia Matos enfatiza:

Que tem sentido que todo Santantoniense está contente porque as coisas nessa terra estão tomando o endereço certo, que achou ainda muito pouco o que acabava de ser dito pelo líder do governo face ao muito que vem sendo feito pelo dinâmico e progressista prefeito José Trindade Lobo, que felizmente nesta terra não existe nenhuma ameaça ou coação por parte do executivo, legislativo nem das autoridades policiais, que face ao exposto só tem um caminho a tomar: Estender seu incondicional apoio a essas autoridades no sentido de engrossar as fileiras daqueles que desejam bem servir a esta terra¹⁰

Diante dessa análise de projetos desenvolvimentistas e modernizadores, cabe pontuarmos também o fato de que os militares através de um discurso subjugador dos movimentos sociais, intitulando-os como desordeiros, até mesmo hereges, ganharam um campo fértil para seus projetos desenvolvimentistas, sobretudo, por parte das classes mais conservadoras e interessadas em ascenderem economicamente. A questão estava na subordinação e tutela do movimento operário de um lado, e nas formas de inserção do capitalismo brasileiro no movimento internacional do capital. Sendo assim, através do ofuscamento das propostas de reformas de base dos movimentos sociais, juntamente com esse desejo da classe burguesa de se internacionalizar, o regime disseminou o ideal de

ordem e paz, no intuito de influenciar a população a aderir a tais propostas.

Em estudos feitos por Ediane Lopes de Santana¹¹, vê-se que algumas mobilizações sociais, a exemplo das Marchas da Família com Deus pela Democracia e pela Liberdade, foram importantes para a validação da tentativa de caracterizar o golpe militar como um anseio da população. Estas marchas ocorreram em vários estados brasileiros, como Salvador, capital da Bahia, em 15 de abril de 1964. Segundo pesquisas referentes à caminhada realizada em Salvador, posterior ao sucesso da referida mobilização, três municípios baianos realizaram as suas, sendo estes: Nazaré das Farinhas, Camaçari e Santo Antônio de Jesus. O apoio de Santo Antônio de Jesus a essas marchas está registrado também nas atas da Câmara Municipal da referida cidade.

Aos 30 dias do mês de abril de mil novecentos e sessenta e quatro nesta cidade de Santo Antônio de Jesus [...] Agradecendo a composição da mesa, desta câmara, do segundo tenente Paulino de Freitas Ludovice [...], da Madre Maria do Rosário, solidarizando-se com a ideia de manifestação pública da “Marcha da Família com Deus pela Democracia”, e pondo todos os estabelecimentos sob sua direção à disposição do programa elaborado¹².

O registro demonstra como esses programas elaborados com ideais anticomunistas, durante campanha de desestabilização do governo de Jango e no transcorrer do regime, receberam apoio das autoridades Santantonienses e também de pessoas que influenciavam diretamente o cotidiano dessa cidade, como a Madre Maria do Rosário, na época Diretora do Colégio Santo Antônio de Jesus e da Escola Nossa Senhora das Mercês. Essas mobilizações tornaram-se instrumentos importantes para a consolidação e exercícios das propostas de governo do regime civil/militar.

Entretanto, não podemos discutir a ditadura sem atentarmos para os processos de resistências¹³. Marcelo Ridente assinala que o projeto das esquerdas não tinha como fim exclusivo erradicar a ditadura, mas “caminhar decisivamente rumo ao fim da exploração de classes”¹⁴. Com isso, as propostas dos movimentos sociais de oposição eram articuladas para além do desejo de pôr fim ao regime.

Os estudos contemplados na obra Ditadura Militar na Bahia trazem uma análise referente aos processos de resistência, tomando por base a capital Salvador. Enfatiza-se que a posição de Salvador foi, sobretudo, de defesa dos direitos democráticos cerceado pelo poder ditatorial, principalmente, posterior ao AI5, decreto que configurou uma radicalização extrema e intolerante a qualquer aspiração contrária ao governo.

Para falar de movimentos de resistência em Santo Antônio de Jesus, encontramos algumas dificuldades na pesquisa de campo, sendo que dentre os integrantes do grupo de oposição identificados nas fontes estudadas, alguns já não moram na cidade e não localizamos os endereços; outros já faleceram, inclusive Sr. Gonzalo, tido como líder do grupo de oposição. Acompanhemos a fala de Sr. José Pereira Reis sobre este líder:

Gonzalo, este era o que mais incentivava o povo em função dele ser adepto do comunismo, porque ele veio de lá da Europa né? E aqui ele achou que devia mudar o regime também, e influenciar os incautos. E em função disso ele era tido como líder, marido da promotora, então todo mundo dava crédito ao que ele dizia.¹⁵

Encontramos nos processos crimes do arquivo municipal deste município outros nomes, porém, estes não concederam entrevistas. Manoel Almeida Piton, popularmente conhecido como Quito, foi um dos nomes mais citados pelos entrevistados quando perguntávamos sobre grupos de oposição ao regime. Conforme alguns depoimentos, sua popularidade devia-se às muitas reuniões que promovia, como também por ter sido exilado, mas não conseguimos entrevista-lo, seu filho, Yuri Piton nos diz:

Meu pai não gosta de lembrar-se dessa parte de sua história. Ele ainda vive momentos de lembranças do período, principalmente dos três meses que ficou preso. Ele ainda ouve os passos e a voz do Tenente Loudovice, na época responsável pela manutenção da ordem em Santo Antônio de Jesus segundo os ditames do regime.¹⁶

Na busca por documentos produzidos no transcorrer do regime encontramos uma petição de Habeas Corpus de Sr. Manoel Almeida Piton:

Carlos Humberto de Cerqueira Guedes, brasileiro, solteiro, advogado inscrito da O.A.B Secção da Bahia, domiciliado nesta cidade, vem impetrar a V. Excia. uma ordem de habeas corpus em favor de Manoel Almeida Piton, brasileiro, casado, agricultor, residente e domiciliado nesta cidade, por encontrar-se ameaçado de prisão, já tendo sido procurado por policiais deste destacamento local, por ordem do delegado titular, *ameaçado portanto em sua liberdade de locomoção. A ameaça que sofre o paciente é real, uma vez que várias prisões, ilegais abusivas e por motivações políticas partidárias foram realizadas ontem, nesta sua comarca, gerando um clima de terror e pânico.*

Nestes termos pede que seja passado salvo conduto em favor do paciente.

P. Deferimento

S. Antônio de Jesus, 18 de novembro de 1970¹⁷

Juntamente com esta petição, encontramos mais três de outros homens que eram considerados na cidade opositores do governo, contendo as mesmas alegações e datando, 18 de novembro de 1970. Observa-se que o acirramento da repressão por parte do governo, principalmente após a implantação do AI5, configurou um espaço de conflito em Santo Antônio de Jesus, assim como em outras localidades.

Em depoimento recente, José Reis, avalia que não existia uma movimentação mais aberta, porém identifica alguns integrantes de grupos “tidos como comunistas”:

Não movimentavam socialmente não, o que existia aqui muito era fuxico. Então aqueles que não comungavam com aquela situação, esses eram tidos como comunistas dentre eles tivemos aqui: o Quito foi preso, Gorgônio Araújo, Geraldo da bicicleta foi preso e alguns outros aí.¹⁸ (grifo nosso)

O descrédito em relação aos grupos que faziam oposição à ditadura, ao dizer que esses grupos “não se movimentavam socialmente, o que existia era fuxico”, evidencia sua posição coerente como político aliado aos militares, haja vista que ele foi vereador em 1964 pela Aliança Democrática Santantoniense, grupo de direita. O político Faustino Almeida Cunha também tem uma visão semelhante à de José Reis, quando perguntado sobre o impacto do regime em Santo Antônio de Jesus, ele responde:

Aqui muito pouca coisa, o impacto que teve foi a assombração, algumas pessoas, o pessoal que foi preso, tidos como comunistas, mas Santo Antônio de Jesus nem sabia o que era comunista, mas torcedores daquela época que nem sabiam o que estava falando sobre o comunismo e chegou a ser preso. Quito e outros. Geraldo da bicicleta, ameaçaram Gorgonio, teve outras pessoas também, prendeu aqui uns. Falam que tinha um grupo que tinha reuniões aqui.¹⁹

Faustino toca em uma discussão importante, sobre a ideia de comunismo, o que ficou conhecido em alguns momentos por síndrome do comunismo, ou seja, “comunista sem comunismo”, pois diante do clima de tensão qualquer indivíduo que se opusesse aos ideais do regime era visto como tal. Porém, a maneira com que narra os fatos demonstra certo desdém, até porque Faustino se denomina como político “do lado da Revolução”.

Conforme depoimentos de entrevistados, na época surgiam boatos de que o grupo de Quito estava se articulando contra os mandos do regime. Alguns Santantonienses, dentre estes, o professor José Raimundo Galvão, que na época era pároco da cidade, revela que eles eram avisados para não andarem na companhia de militantes de esquerda. Assim, José Raimundo Galvão nos conta:

Eu estava muito ligado na igreja, e sabia que tinha muita gente interessado para saber o que eu estava falando, tínhamos muito medo,

e eles tinham a nossa ficha. Tínhamos medo de sermos presos ou até de fazerem alguma coisa com os nossos familiares, não podíamos ter amizade com pessoas que fossem tidas como integrantes ou mesmo simpatizantes da esquerda. . E muitas vezes éramos avisados: cuidado com o que você vai falar e com quem fala.²⁰

Este depoimento evidencia o clima de medo e insegurança vivenciado por indivíduos ligados a movimentos da igreja, como também outros grupos divergentes. Demonstra também, o sentimento de coerção vivenciado por esses sujeitos. Dessa forma, sabemos que durante o regime, muitas pessoas não expressavam suas opiniões contrárias à política da ditadura militar por medo de serem tidas como simpatizantes ou até mesmo comunistas e sofrerem as consequências de serem torturadas, exiladas, dentre outras formas de repressão.

Diante das fontes escritas encontradas e dos depoimentos concedidos, podemos dizer que o movimento de resistência em Santo Antônio de Jesus foi relevante no contexto político em que se encontrava a cidade, pois mesmo sendo um grupo pequeno, reconhecemos que eram fortalecidos em seus propósitos e provocavam incômodos à situação, tanto que foram perseguidos e presos. A sintonia das elites políticas Santantoniense com o regime não representou o pensamento político de toda a sociedade. Outros sujeitos, outras vozes se pronunciaram.

A metodologia utilizada transcorreu a partir de um trabalho investigativo de catalogação e análise das fontes escritas, como por exemplo, as atas da Câmara e documentos do Arquivo Municipal de Santo Antônio de Jesus, por apresentar, principalmente, o cenário político-econômico da cidade e trazer discursos que evidenciam as tramas políticas, além de demonstrar afinidade com os ideais desenvolvimentistas identificados nos projetos dos vereadores, os quais muitas vezes correspondiam aos interesses políticos/particulares.

Os jornais da época, como o *A Tarde*, *Jornal da Bahia* e jornais raros na Biblioteca Central da Bahia, *Tribuna da Bahia* no Arquivo Público do Estado da Bahia e *Jornal do Brasil* arquivo digitalizado, se fizeram necessários para melhor entendimento do contexto político da Bahia e do Brasil a fim de compreender, através do cruzamento das fontes, o posicionamento daqueles que apoiaram e/ou resistiram ao golpe e o regime em Santo Antônio de Jesus.

Os livros de memória da cidade nos apresentam um pouco do contexto, social, político e econômico do período, relevante para entendermos as posições políticas dos

santantonienses.

Usamos também depoimentos dos sujeitos que vivenciaram aquele momento em Santo Antônio de Jesus, por entender que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.²¹ Padres, políticos, professores, estudantes, freiras são depoentes, que a partir de suas memórias pessoais e coletivas, propiciam uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas das trajetórias dos grupos sociais que estavam inseridos no período em estudo. Esses depoimentos nos permitiram entender as emaranhadas representações que, ao recordar fatos referentes ao período ditatorial demonstraram anseios políticos, saudosismos e possíveis arrependimentos. Para utilizarmos os depoimentos orais dialogamos com autores como Alessandro Portelli que, trata da ética na pesquisa com fontes orais²².

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Através das pesquisas feitas até o presente momento, podemos dizer que parcelas da população de Santo Antônio de Jesus, sobretudo, as elites envolvidas no cenário político da cidade, viram no projeto governamental dos militares, maneiras de consolidar anseios políticos econômicos que já vinha sendo esboçados a partir dos ideais republicanos, particularmente com a chegada da luz elétrica em 1950, e o estabelecimento da rodovia (BR101) na década de 1960. Mas as fontes pesquisadas também nos revelaram que, houve reivindicações e contestações às ordens vigentes, dentre outros motivos, por motivações políticas partidárias. Entre os trilhos desses caminhos segue esse trabalho de pesquisa.

NOTAS:

¹ Cristiane Lopes da Mota. Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus V. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da referida instituição. Bolsista pelo Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: tiane_saj@hotmail.com

² SALES, Geraldo Pessoa. *Santo Antônio de Jesus 1965 A cidade que encontrei*. Santo Antônio de Jesus: Gráfica Real. p. 23.

³ VALADÃO, Hélio. *Santo Antônio de Jesus, Sua Gente e Suas Origens*. Santo Antônio de Jesus: Copyright. 2005. pp. 113/114.

⁴ Ata da sessão de instalação do primeiro período legislativo da Câmara de Vereadores do Município de Santo Antônio de Jesus – de 1964. Neste período era prefeito da cidade o senhor José Trindade Lobo.

⁵ Ata da sessão de instalação do primeiro período legislativo da Câmara de Vereadores do Município de Santo Antônio de Jesus – de 1964. Neste período era prefeito da cidade o senhor José Trindade Lobo.

⁶ A historiadora Heloísa Starling dedica-se a analisar a participação de Minas Gerais no movimento de deposição de Goulart. Usa a metáfora “novos inconfidentes” para identificar os conspiradores mineiros, que se aliaram aos conspiradores nacionais e internacionais. Cf. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 1964: Temporalidade e Interpretações. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Arão; RIDENTE, Marcelo (Org.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois* (1964-2004). Bauru SP: Edusc, 2004. p. 23.

⁷ Atualmente, Colégio Santo Antônio de Jesus.

⁸ José Pereira Reis (83 anos) Vereador em Santo Antônio de Jesus pela UDN em 1964. Depoimento concedido em 19 de abril de 2010.

⁹ Ata da 6ª sessão ordinária do 1º período do legislativo (8ª do ano, 34ª de legislatura), da câmara de vereadores do Município de Santo Antônio de Jesus, Estado Federado da Bahia realizada no ano de 1970.

¹⁰ Ibid.

¹¹ SANTANA, Lopes de Ediane. Campanha de desestabilização de Jango: as ‘donas’ saem às ruas. In: ZACHARIADLES, Grimaldo Carneiro (org.). *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.

¹² Ata da 1ª sessão ordinária do 1º período do legislativo, da câmara de vereadores do Município de Santo Antônio de Jesus, ano de 1964.

¹³ O termo resistência tem sido usado tanto nas ciências sociais como na luta política com um sentido inspirado na experiência histórica europeia durante a Segunda Guerra Mundial, englobando todos os movimentos de oposição à ocupação nazifascista. Ele tende mais a um sentido defensivo que ofensivo, menos à ação que reação. Assim, para usar o termo com propriedade a fim de pensar a resistência brasileira, importa mais o significado de combate à ditadura do que o de ofensiva revolucionária. Cf. RIDENTI, Marcelo. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para pesquisadores. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Arão; RIDENTE, Marcelo (Org.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois* (1964-2004). Bauru SP: Edusc, 2004. p.54.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ José Pereira Reis (83 anos) Vereador em Santo Antônio de Jesus pela ARENA em 1964. Depoimento concedido em 19 de abril de 2010.

¹⁶ Yuri Píton, filho de Sr. Manoel Almeida Píton, (Quito) tido como um dos líderes de oposição ao regime em Santo Antônio de Jesus. Depoimento Concedido em 10 de Março de 2011.

¹⁷ APMSAJ- Arquivo público municipal de Santo Antônio de Jesus 2010.

¹⁸ José Pereira Reis (83 anos) Vereador em Santo Antônio de Jesus pela ARENA em 1964. Depoimento concedido em 19 de abril de 2010.

¹⁹ Faustino Almeida Cunha, (79 anos). Em 1976 foi vice-prefeito pela ARENA 1. Depoimento concedido em 26 de março de 2012.

²⁰ Professor José Raimundo Galvão. Durante o regime militar foi padre da cidade e coordenador do Centro Cívico do Colégio Nossa Senhora da Conceição Menezes. Depoimento concedido em 23 de abril de 2010.

²¹ BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 5ª ed. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1993.p.198.

²² PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História*. Revista do PEPGH da PUC/SP, n°. 15. São Paulo, abril de 1997.